Título original: *Stay Close*

Copyright © 2012 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Fátima Amendoeira Maciel, José Grillo e Rafaella Lemos

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Elmo Rosa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C586f

Coben, Harlan, 1962-
Fique comigo [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.

Tradução de: Stay close
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-148-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

13-1283

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Material com direitos autorais

capítulo 1

ÀS VEZES, NA FRAÇÃO DE SEGUNDO em que Ray Levine tirava uma foto e o mundo se perdia no clarão de seu flash, ele via sangue. Sabia, é claro, que era apenas sua imaginação, mas de vez em quando, como naquele instante, a visão parecia tão real que ele precisava baixar a câmera e dar uma boa olhada no chão à sua frente. O momento terrível – em que sua vida mudara completamente, em que ele deixara de ser um homem com futuro e ambições para se transformar em um grande fracassado – nunca o visitava em seus sonhos ou quando ele estava sozinho no escuro. As visões devastadoras esperavam até que ele estivesse bem acordado, cercado de pessoas, ocupado com aquilo que alguns poderiam chamar, sarcasticamente, de trabalho.

Por sorte, as imagens desapareceram à medida que Ray continuava a fotografar o garoto que celebrava seu bar mitzvah.

– Olhe para cá, Ira – gritou Ray por trás de sua lente. – Quem foi o estilista que criou sua roupa? É verdade que Jennifer Aniston e Angelina Jolie ainda estão brigando por você?

Alguém deu um chute na canela de Ray. Outra pessoa o empurrou. Ele continuou a tirar fotos.

– Onde vai ser a continuação da festa, Ira? Quem vai ter o privilégio da primeira dança com você?

Ira Edelstein franziu a testa e protegeu o rosto da câmera. Ray se lançou para a frente, sem se deixar intimidar, fotografando de todos os ângulos possíveis.

– Saia da frente! – gritou alguém.

Ray foi empurrado novamente e tentou recuperar o equilíbrio.

Clique, *clique*, *clique*.

– Malditos paparazzi! – exclamou Ira. – Será que não posso ter um minuto de paz?

Ray revirou os olhos, mas não recuou. O sangue reapareceu por trás da lente. Ele tentou afastar a visão, mas ela não queria ir embora. Continuou pressionando o obturador. Ira, o Garoto do Bar Mitzvah, se movia em

Material com direitos autorais

câmera lenta sob a luz estroboscópica.

– Parasitas! – gritou Ira.

Ray se perguntou se era possível descer mais fundo que isso.

Quando levou outro chute na canela, soube qual era a resposta: não, não era.

O "guarda-costas" de Ira – um sujeito enorme com a cabeça raspada chamado Fester – empurrou Ray para o lado com o braço, que era da grossura de um tronco de árvore. O brutamontes exagerou um pouco na medida e quase o derrubou. Ray lançou um olhar de "Qual é?" para Fester, que fez um "Desculpe" silencioso com a boca.

Fester era o chefe de Ray, seu amigo e dono da Celeb Experience: Paparazzi de Aluguel – um negócio que era exatamente o que o nome dizia. Ray não perseguia celebridades para conseguir fotos comprometedoras e vendê-las para tabloides, como um paparazzo de verdade. Não, ele estava abaixo disso. O que oferecia era a "experiência da fama" a aspirantes a celebridades dispostos a pagar. Em suma, os clientes (em sua maioria com problemas de autoestima e, provavelmente, disfunção erétil) contratavam paparazzi para persegui-los e tirar fotos suas, o que lhes proporcionava, como dizia o folheto, a "genuína experiência de ser famoso com seus próprios e exclusivos paparazzi".

Ray achava que talvez até pudesse descer mais fundo, mas não sem uma última intervenção divina.

A família Edelstein havia contratado o Megapacote Supercelebridade: duas horas com três paparazzi, um guarda-costas, um repórter e um microfonista, todos perseguindo Ira, a "celebridade", e tirando fotos suas como se ele fosse Charlie Sheen entrando às escondidas em um monastério. O pacote também incluía um DVD de lembrança sem custo adicional e uma revista de fofoca de mentirinha com seu rosto e uma manchete personalizada estampados na capa.

O preço do Megapacote Supercelebridade?

Quatro mil dólares.

Respondendo à pergunta óbvia: sim, Ray se odiava.

Ira passou por eles aos empurrões e desapareceu dentro do salão de festas. Ray baixou a câmera e olhou para os dois outros paparazzi. Nenhum deles tinha um *F* de fracassado escrito na testa porque, francamente, seria uma redundância.

Material com direitos autorais

Ray conferiu as horas.

– Droga – disse ele.

– Que foi?

– Ainda faltam 15 minutos para acabar.

Seus colegas – tão burros que mal deviam conseguir soletrar seus próprios nomes – resmungaram. Mais 15 minutos. Isso significava entrar e fazer a "cobertura" da apresentação. Ray detestava aquilo.

O bar mitzvah estava acontecendo em Wingfield Manor, um salão de festas de incrível mau gosto que, guardadas as devidas proporções, poderia muito bem passar por um dos palácios de Saddam Hussein. Havia candelabros, espelhos, marfim falso, madeira trabalhada e montes de tinta dourada reluzente.

A visão do sangue voltou a aparecer diante de seus olhos. Ele piscou para afastá-la.

O evento era a rigor. Os homens pareciam exaustos e ricos. As mulheres, bem cuidadas e cirurgicamente melhoradas. Ray abriu caminho pela multidão usando calça jeans, um blazer cinza amarrotado e tênis pretos de cano alto. Vários convidados o olharam como se ele tivesse acabado de fazer cocô em seus talheres de salada.

Havia uma banda com 18 músicos e um "animador", cuja função parecia ser incentivar os convidados a se divertirem a todo custo. Imagine um péssimo apresentador de programa de auditório. Ele pegou o microfone e disse, como se fosse anunciar a entrada de um boxeador no ringue:

– Senhoras e senhores, por favor deem as boas-vindas a ele, em sua primeira aparição após receber a Torá e alcançar a maioridade... o inigualável... Ira Edelstein! Por favor, uma salva de palmas!

Ira apareceu com duas... Ray não sabia bem como chamá-las, mas talvez a melhor expressão fosse "strippers de luxo". As duas gostosonas escoltaram Ira para dentro do salão com seus decotes. Ray preparou sua câmera e se lançou para a frente, balançando a cabeça. O garoto tinha 13 anos. Se mulheres como aquelas sequer chegassem perto de Ray quando ele tinha aquela idade, ele ficaria uma semana inteira de pau duro.

Ah, a juventude...

Todos aplaudiram com entusiasmo. Ira deu um tchauzinho majestoso para a multidão.

– Ira! – gritou Ray. – Essas são suas novas beldades? É verdade que você

Material com direitos autorais

pretende acrescentar uma terceira ao seu harém?

– Por favor – disse Ira em um tom bem ensaiado de lamúria –, eu tenho direito a privacidade!

Ray conseguiu não vomitar.

– Mas seus fãs querem saber!

Fester, o Guarda-Costas de Óculos Escuros, colocou uma pata gigante em cima de Ray, abrindo passagem para Ira. Ray tirou uma foto, fazendo o flash disparar. A banda começou a tocar a música da moda das festas, "Club Can't Handle Me", no último volume. Em que momento as cerimônias de casamento e de bar mitzvah tinham passado a tocar música na altura de um show de rock? Ira começou uma dança indecente com as duas acompanhantes de aluguel. Então seus amigos da mesma idade entraram na brincadeira, lotando a pista de dança e pulando freneticamente. Ray "brigou" para passar por Fester, tirou mais algumas fotos e conferiu as horas.

Mais um minuto.

– Paparazzi de merda!

Outro pontapé na canela de algum idiota em miniatura.

– Ai, cacete, essa doeu!

O idiota saiu correndo. *Nota mental*, pensou Ray: *passar a usar caneleiras*. Ele olhou para Fester como se implorasse por misericórdia. O chefe o liberou com um gesto da cabeça, chamando-o para um canto. O lugar estava barulhento demais, então eles saíram do salão.

Fester apontou lá para dentro com seu polegar enorme.

– O garoto se saiu muito bem na leitura da haftarah, não é?

Ray se limitou a encará-lo.

– Tenho um trabalho para você amanhã – continuou ele.

– Que maravilha. O que é?

Fester desviou o olhar.

Ray não gostou nada daquilo.

– Ai... – falou ele.

– É George Queller.

– Ah, meu Deus.

– Pois é. E ele quer o de sempre.

Ray suspirou. George tentava impressionar as garotas com que saía pela primeira vez deixando-as atordoadas e, em última análise, apavoradas.

Material com direitos autorais

Contratava a Celeb Experience para infernizar a vida dele e de seu par – no mês anterior, por exemplo, tinha sido uma mulher chamada Nancy – enquanto os dois chegavam a um pequeno e romântico bistrô. Uma vez lá dentro, a mulher se deparava com – é sério – um cardápio personalizado que dizia: "O primeiro de muitos jantares de George e Fulana", com endereço, dia, mês e ano impressos abaixo. Quando saíam do restaurante, os paparazzi de aluguel já estavam a postos, tirando fotos e querendo saber como George tinha tido coragem de recusar um fim de semana nas ilhas Turcos e Caicos com Jessica Alba para ficar com a adorável (e a essa altura apavorada) Fulana.

George achava que essa encenação romântica seria o prelúdio de uma linda e eterna história de amor. Nancy e as outras achavam que seria o prelúdio de uma noite em um galpão abandonado com uma mordaça na boca.

Ele nunca chegava ao segundo encontro com mulher nenhuma.

Fester finalmente tirou seus óculos escuros.

– Quero que você seja o chefe da equipe neste trabalho.

– Paparazzo-chefe – corrigiu Ray. – Melhor eu ligar para minha mãe, para ela poder se vangloriar no grupo de baralho.

Fester deu uma risadinha.

– Você sabe que eu te amo.

– Só isso?

– Só.

Ray guardou a câmera com cuidado, separando a lente do resto do equipamento, e jogou o estojo por cima do ombro. Então foi mancando em direção à porta, por conta não dos chutes, mas do estilhaço em seu quadril – aquele que marcara o início do seu declínio. Não, isso seria simplificar demais as coisas. O estilhaço era uma desculpa. Em algum momento de sua vida patética, Ray tivera um potencial praticamente ilimitado. Ele se formara na faculdade de jornalismo da Universidade Columbia, demonstrando o que um professor chamou de "um talento quase sobrenatural" (que agora ele desperdiçava) na área do fotojornalismo. Mas, no fim das contas, essa vida não tinha dado certo para ele. Algumas pessoas atraem problemas. Algumas pessoas, por mais fácil que seja o caminho reservado para elas na vida, encontram uma maneira de estragar tudo.

Ray Levine era uma delas.

Material com direitos autorais

Estava escuro lá fora. Ele se perguntou se seria melhor ir direto para casa e se enfiar na cama ou dar um pulo no Tétano, um bar tão pé-sujo que tinha recebido esse nome. Difícil decidir com tantas opções à disposição.

Ele voltou a pensar no cadáver.

As visões retornaram com toda a força. Era compreensível, imaginava ele. Aquele dia era justamente o aniversário do fim de tudo, de quando todas as esperanças de um final feliz tinham morrido como... bem, a metáfora mais óbvia envolveria as visões em sua cabeça, não é mesmo?

Ele franziu a testa. *Dá para maneirar no melodrama, Ray?*

Tinha esperado que aquele trabalho idiota fosse tirar a imagem de sua mente. Não adiantara. Lembrou-se do próprio bar mitzvah, do momento no púlpito, em que seu pai se agachou para lhe sussurrar no ouvido. Lembrou-se de como seu pai cheirava a desodorante; do carinho com que ele segurou sua cabeça; de como, com os olhos marejados, disse apenas: "Eu te amo muito."

Ray afastou o pensamento. Era menos doloroso pensar no cadáver.

Os manobristas quiseram cobrar dele (pelo jeito, não existia mais cortesia profissional), então Ray tinha encontrado uma vaga a três quarteirões de distância, numa rua transversal. Ele dobrou a esquina e lá estava ele – sua lata-velha, o Honda Civic de 12 anos com um para-choque faltando e a janela lateral sustentada por um pedaço de fita adesiva. Ray coçou o queixo. Estava com a barba por fazer. Barba por fazer, 40 anos, uma lata-velha na garagem, um apartamento de subsolo que, se passasse por uma reforma pesada, talvez pudesse ser chamado de espelunca, nenhuma perspectiva, bebendo mais do que devia. Poderia lamentar a própria vida, mas, pensando bem, para isso teria que se importar com ela.

Ray estava pegando a chave do carro no bolso quando levou uma pancada forte na nuca.

Mas o que...?

Ele despencou com o peso em um dos joelhos. Tudo ficou escuro. O formigamento subiu pelo seu couro cabeludo. Ray ficou desorientado. Tentou balançar a cabeça, para clareá-la.

Outro golpe perto da têmpora.

Algo dentro de sua cabeça explodiu em um clarão e ele se estatelou no chão. Deve ter perdido a consciência – não soube ao certo –, mas de repente sentiu um puxão no seu ombro direito. Por alguns instantes, ficou

Material com direitos autorais

simplesmente caído ali, com o corpo mole, incapaz ou sem vontade de resistir. Sua cabeça girava de dor. O lado primitivo de seu cérebro, sua parte animal mais básica, havia entrado no modo de sobrevivência. Evite mais sofrimento, dizia sua mente. Encolha-se e se proteja.

Outro puxão quase deslocou seu ombro. Em seguida, a agressão ficou mais fraca, como se a pessoa o estivesse soltando. De repente, entendeu o que estava acontecendo e abriu os olhos.

Alguém estava roubando sua câmera.

Era uma Leica clássica, atualizada recentemente com um recurso de envio digital. Ray sentiu seu braço ser erguido no ar e a alça do estojo passar por ele. Dali a um segundo, não mais que isso, a câmera seria levada embora.

Ray não possuía muita coisa. Sua câmera era o único bem ao qual ele realmente dava valor. Era seu ganha-pão, é claro, mas também era seu último elo com seu velho eu, com a vida que ele tinha antes do sangue, e nem sonhando iria desistir disso sem lutar.

Tarde demais.

A alça já havia se soltado do seu braço. Ele se perguntou se teria outra oportunidade, se o ladrão iria tentar pegar os 14 dólares em sua carteira e lhe dar uma última chance. Mas não podia esperar para ver.

Com a cabeça ainda girando e os joelhos trêmulos, Ray gritou "Não!" e tentou se lançar contra o criminoso. Chocou-se contra algo, talvez pernas, e se esforçou para envolvê-las com seus braços. Não conseguiu segurar firme, mas o impacto foi suficiente.

O assaltante foi ao chão. Ray também, aterrissando de barriga. Ouviu o barulho de algo caindo e torceu desesperadamente para não ter quebrado a própria câmera. Piscou várias vezes, tentando abrir os olhos por completo. Só conseguiu abri-los em parte e viu o estojo da câmera a menos de um metro de distância. Tentou se arrastar na direção dele, mas nesse momento viu duas coisas que fizeram seu sangue gelar.

A primeira foi um taco de beisebol no asfalto.

A segunda, e mais preocupante, foi a mão enluvada de alguém pegando-o.

Ray tentou erguer os olhos, mas foi inútil. Lembrou-se do acampamento de verão que seu pai administrava quando ele era criança. Seu pai (todos os campistas o chamavam de tio Barry) costumava organizar uma brincadeira em que você tinha que segurar uma bola de basquete acima da sua cabeça e girar ao redor do eixo do próprio corpo o mais rápido possível, sempre

Material com direitos autorais

olhando para a bola. Então, completamente tonto, você precisava atravessar toda a quadra e fazer uma cesta. O problema era que você ficava tão tonto que caía para um lado enquanto a bola ia para o outro. Era assim que ele se sentia naquele instante, como se estivesse tombando para a esquerda enquanto o resto do mundo pendia para a direita.

O ladrão levantou o taco de beisebol e começou a ir em sua direção.

– Socorro! – gritou Ray.

Ninguém apareceu.

Ele foi invadido pelo pânico. Um instinto de sobrevivência primitivo desencadeou sua próxima reação: fugir. Ele tentou se levantar, mas isso ainda estava fora de cogitação. Ray já estava nas últimas. Mais um golpe, mais uma pancada daquele taco de beisebol...

– Socorro!

O agressor deu dois passos em sua direção. Ray não tinha escolha. Ainda de bruços, saiu se arrastando como um caranguejo ferido. Ah, ótimo plano, com certeza iria dar certo. Sem dúvida ele seria rápido o suficiente para manter distância do maldito taco. O desgraçado já estava quase em cima dele. Ray não tinha a menor chance.

Seu ombro bateu contra alguma coisa e ele notou que era seu carro.

Viu o taco se erguer no ar acima de sua cabeça. Dentro de um segundo, talvez dois, seu crânio seria esmigalhado. Só havia uma chance, e ele a aproveitou.

Virou a cabeça para o lado direito, colando a bochecha ao asfalto. Achatou seu corpo o máximo possível e deslizou para baixo do carro.

– Socorro! – tornou a gritar. Então, dirigindo-se ao assaltante: – Só pegue a câmera e dê o fora daqui!

Foi o que o ladrão fez. Ray ouviu os passos se afastando pela rua. Simplesmente maravilhoso. Tentou sair de baixo do carro. Sua cabeça atrapalhou, mas ele conseguiu. Ficou sentado no chão, recostado contra a porta do carona. Continuou assim por alguns instantes. Impossível saber quanto tempo. Talvez tivesse até desmaiado.

Quando se sentiu capaz, Ray xingou o mundo inteiro, entrou no carro e deu a partida.

Que estranho, pensou. No aniversário do acontecimento que culminara em todo aquele sangue, ele quase tinha acabado com litros do seu próprio espalhados pelo chão. A coincidência o fez abrir um meio sorriso. Enquanto

Material com direitos autorais

saía com o carro, essa expressão começou a sumir de seu rosto.

Uma coincidência. Isso mesmo, só uma coincidência. Nem tão grande assim, pensando bem. A noite do sangue tinha sido 17 anos atrás – nem chegava a ser uma boda de prata ou algo parecido. Ele já fora assaltado antes. No ano anterior, havia sido roubado depois de sair bêbado de uma boate de striptease às duas da manhã. O imbecil levara sua carteira e fora embora com sete dólares e um cartão de descontos de uma rede de farmácias.

Ainda assim...

Ray encontrou uma vaga em frente ao edifício geminado que chamava de lar. Ele alugava o apartamento do subsolo. O proprietário, um imigrante paquistanês de nome Amir Baloch, também morava no prédio com a esposa e quatro filhos bastante barulhentos.

Ray resolveu supor por um instante, só por um instante, que não tivesse sido coincidência.

Saiu do carro. Sua cabeça ainda latejava. E seria pior no dia seguinte. Ele desceu a escada depois das latas de lixo até a porta abaixo do nível da rua e enfiou a chave na fechadura. Ficou quebrando a cabeça, tentando imaginar alguma relação – por menor, mais frágil e obscura que fosse – entre aquela trágica noite de 17 anos atrás e o assalto que acabara de sofrer.

Nada.

Tinha sido um roubo, nada mais que isso. Alguém dá uma porrada na cabeça de um sujeito com um taco de beisebol, pega a câmera dele e sai correndo. Mas não faria mais sentido roubar também a carteira do sujeito? Ou será que tinha sido o mesmo cara que o havia assaltado perto daquela boate de striptease e ele lembrava que naquela vez Ray só tinha sete dólares? Ora, talvez fosse essa a coincidência. Esqueça a sincronia e o aniversário. O assaltante podia ser o mesmo de um ano antes.

Caramba, ele estava fazendo uma confusão enorme. Onde estava o maldito analgésico?

Ray ligou a TV e foi para o banheiro. Quando abriu o armário de remédios, uma dúzia de frascos e outras coisas caiu na pia. Ele revirou a bagunça e encontrou a embalagem que queria. Pelo menos esperava que fosse. Havia comprado os comprimidos no mercado negro, de um cara que dizia contrabandeá-los do Canadá. Até onde Ray sabia, poderiam ser vitaminas para crianças.

Material com direitos autorais

Na TV estava passando o noticiário, que mostrava algum incêndio nas redondezas. O repórter perguntava aos moradores da região o que eles pensavam do acontecido, porque, obviamente, saber o que a população acha é que leva às maiores revelações. O celular de Ray tocou. Ele viu o número de Fester na tela.

– Que foi? – disse ele, deixando-se cair no sofá-cama.

– Sua voz está horrível.

– Fui assaltado assim que saí do bar mitzvah.

– Sério?

– Sério. Me acertaram na cabeça com um taco de beisebol.

– Roubaram alguma coisa?

– Minha câmera.

– Espere um instante, você perdeu as fotos de hoje?

– Não, não se preocupe – falou Ray. – Eu estou bem, de verdade.

– Por dentro eu estou morrendo de preocupação. Só perguntei sobre as fotos para disfarçar minha dor.

– Ainda estou com elas – disse Ray.

– Como?

Sua cabeça doía demais para explicar. Além disso, o barato do analgésico já estava começando a pegá-lo de jeito.

– Não se preocupe. Elas estão em um lugar seguro.

Alguns anos antes, quando Ray trabalhara por um tempo como paparazzo "de verdade", ele havia conseguido algumas fotos maravilhosamente comprometedoras de um certo ator gay muito famoso traindo seu namorado com – pasmem! – uma mulher. O guarda-costas do ator arrancou a câmera das mãos do fotógrafo e destruiu o cartão de memória. Depois disso, Ray instalara um recurso de envio digital em sua máquina – algo parecido com o que a maioria das pessoas tem nas câmeras de seus celulares –, que mandava as fotos do cartão de memória por e-mail automaticamente a cada 10 minutos.

– É por isso que estou ligando – disse Fester. – Preciso delas rápido. Escolha cinco e me mande por e-mail ainda hoje. O pai de Ira quer nosso novo peso de papel em formato de cubo com fotos da festa assim que for possível.

No telejornal, a câmera enquadrava a "moça do tempo", uma gostosona que usava um suéter vermelho apertado. Chamariz de audiência. Os olhos

Material com direitos autorais

de Ray começaram a se fechar enquanto a beldade terminava de explicar a fotografia de satélite e passava a bola para o âncora de cabelo arrumadinho demais.

– Ray?

– Cinco fotos para um peso de papel em formato de cubo.

– Isso mesmo.

– Um cubo tem seis lados – disse Ray.

– Uau, que gênio da matemática. O sexto lado é para o nome, a data e uma estrela de davi.

– Beleza.

– Preciso disso para ontem.

– Pode deixar.

– Então está tudo nos conformes – disse Fester. – Quer dizer, exceto pelo fato de que, sem a sua câmera, você não vai poder fazer o trabalho de George Queller amanhã. Mas não se preocupe, eu arranjo outra pessoa.

– Agora, sim, vou conseguir dormir em paz.

– Muito engraçado, Ray. Me mande as fotos. Depois descanse.

– Estou comovido com sua preocupação, Fester.

Os dois desligaram. Ray se recostou no sofá-cama. O remédio estava fazendo um efeito maravilhoso. Ele quase sorriu. Na TV, o âncora assumiu seu tom de voz mais grave e disse:

– Um morador da região, de nome Carlton Flynn, encontra-se desaparecido. Seu carro foi encontrado abandonado com a porta aberta próximo ao píer...

Ray abriu um olho para ver. A foto de um rapaz de cabelo preto arrepiado com as pontas descoloridas e uma argola em uma das orelhas estava na tela. Ele mandava um beijinho para a câmera. A legenda abaixo do seu rosto dizia "Desaparecido", quando provavelmente deveria dizer "Otário". Ray franziu a testa. Uma vaga preocupação passou pela sua cabeça, mas àquela altura já não era capaz de processá-la. Todo o seu corpo implorava por uma noite de sono, mas, se ele não enviasse aquelas cinco fotografias, Fester voltaria a telefonar, e quem precisava disso? Com grande esforço, Ray conseguiu se levantar. Arrastou-se até a mesa da cozinha, ligou seu laptop e se certificou de que as fotos tinham de fato sido enviadas para o seu computador.

Lá estavam elas.

Algo o cutucava bem no fundo da sua mente, mas Ray não conseguia

Material com direitos autorais